

Educomunicação na infância: experiências, interações e protagonismo

Silvia Silva dos Santos

Introdução

Este trabalho apresenta um relato de experiências educacionais realizadas na Educação Infantil, com crianças de quatro e cinco anos de idade, na Escola Municipal de Educação Infantil “Angenor de Oliveira – Cartola”, localizada na periferia da zona sul, município de São Paulo.

A proposta deste estudo é dar luz às vozes infantis, discutindo sua importância e mostrando algumas experiências, com seus acertos e percalços; as interações, visando o aprimoramento das habilidades comunicativas e o protagonismo, propulsor na construção de saberes, de forma colaborativa e democrática.

A escolha do tema para estudo partiu da necessidade de trazer as mídias para a sala de aula, com atividades inovadoras que pudessem desenvolver a oralidade, as interações e ir além de apenas registrar a memória pedagógica. Tendo a certeza de que as tecnologias da informação e comunicação estão, a cada dia, presentes no universo infantil, podem, assim, ser ferramentas aliadas em ações

que propiciem o desenvolvimento da linguagem verbal, da cooperação, de uma cultura de paz, do protagonismo e autoria.

A partir de ações com viés educacionais e de pesquisas empíricas, realizadas ao longo desta trajetória, o objetivo é analisar os impactos destas vivências na comunicação oral e no exercício da autonomia da criança no papel de ator/autor, investigando sua influência nas interações e também em outros eixos de aprendizagens inerentes à Educação Infantil, tendo fundamentação teórica principalmente em Vygotsky (1998), Freire (1996) e Soares (2011).

Dessa forma, o relato trará a complexidade do educador de infância em alinhar o discurso à prática docente e as experiências educacionais, passando pelo uso da tecnologia como registro da memória pedagógica, programas de rádio escolar e o trabalho com diferentes mídias que propiciaram a criação de uma agência de notícias mirim.

Sendo assim, este relato e suas reflexões idealizam o encantamento dos educadores de infância em relação a prática educacional em sala de aula, motivando o processo de aprender e construir em conjunto, numa perspectiva inclusiva, democrática, midiática e criativa.

As experiências

Pensar nas vivências que envolvem o uso das mídias e o conceito de Educação com as crianças pequenas nos remete em uma busca na compreensão de qual rumo seguir. Uma das maiores dificuldades é a escassez de literatura voltada para o trabalho com as mídias e, principalmente, práticas educacionais para a infância. Dessa forma, é preciso adaptar algumas teorias e práticas, geralmente indicadas para o Ensino Fundamental, como cita Santos (2014).

Publicações institucionais paulistas, como as Orientações Curriculares - Educação Infantil (SÃO PAULO, 2007) e Mídias no universo infantil (SÃO PAULO, 2008), foram documentos importantes que auxiliaram nesta trajetória de empenho em alinhar o discurso em relação ao uso das linguagens midiáticas à prática do educador de infância. São Paulo (2007) denota esta importância:

[...] cujo uso pedagógico dá a criança que se apropria delas à possibilidade de inclusão no mundo digital e de exploração de outras formas de in-

teragir, brincar, pesquisar, descobrir, ler, escrever, comunicar-se de modo criativo, participativo e divertido. (SÃO PAULO, 2007, p. 38)

As primeiras observações, aconteceram no ano de 2011, o que motivou na realização de atividades envolvendo o uso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) como recurso para a aprendizagem. Ainda neste período, as intervenções tinham o caráter de exploração das TIC e apropriação da linguagem midiática na rotina com as crianças.

Partindo deste pressuposto, foi realizado um projeto de pesquisa com duas turmas, setenta crianças de cinco a seis anos, para a construção de um “Bichodário Virtual”¹. Este recurso audiovisual continha uma coletânea de dados sobre diversos animais, baseado na curiosidade das turmas. Os pequenos escolheram, por meio de votação, os animais a serem estudados. Os dados foram pesquisados com a ajuda dos familiares e narrados por as crianças. A integração de diferentes campos de experiência (pesquisa, síntese, narrativa e relatos) tornou a aprendizagem significativa, o que denota o viés educ comunicativo. Entretanto, durante a exibição do produto final, foi visualizado o protagonismo dos pequenos em relação as escolhas, incentivo para que a famílias participassem, porém ainda faltava o uso da mídia de forma autônoma, a produção de registros segundo os olhares dos pequenos e a perspectiva da coautoria no roteiro da produção e exploração de outros recursos além do *notebook* e projetor multimídia. No ano seguinte, a tarefa foi revisitar os armários da escola e elencar as mídias disponíveis. Como na grande maioria das escolas municipais de educação infantil não há laboratório de informática, o esforço era trabalhar com aparelhos móveis, pois poderiam ser levados para a sala de aula ou outro ambiente e manipulado pelas crianças. A escola contava com poucos equipamentos e, por conta da demanda, muitos professores utilizavam recursos próprios para fotografar e exibir seus trabalhos. Registrar a memória pedagógica é uma prática comum na escola até os dias atuais, tanto para a construção dos percursos de

1 Bichodário Virtual: <https://www.youtube.com/watch?v=w7tbMOKdTLU>
Bastidores do Projeto: <https://www.youtube.com/watch?v=fR9CjZ9BaYg>

aprendizagem de cada criança, acervo da história da turma e compartilhamento com as famílias em reuniões.

O projeto institucional de 2012, era voltado para música e artistas de diferentes gêneros musicais. Foi o primeiro passo para que novas experiências com as TIC pudessem ser desenvolvidas. O novo grupo de 35 crianças, era mais participativo. Parte dos pequenos estavam em seu terceiro ano na escola e presenciavam as professoras utilizando aparelho de som e máquinas fotográficas, além de aparelhos celulares próprios, para registrar momentos importantes das aulas.

Ao serem questionados sobre o que poderia ser o produto final da música predileta escolhida no mês de abril, alguns falaram *“Tira foto das borboletas”*, ou *“Tira um monte de foto e faz um filme”*, referenciando vídeos exibidos aos pais. Assim, junto com a professora que regia no segundo período da aula, juntamos as opiniões dos pequenos e, com eles, criamos uma animação utilizando a técnica *stopmotion*². Os pequenos modelaram e coloriram borboletas, montaram letras com peças de encaixe e auxiliaram nas fotografias. Ao final da apreciação do vídeo veio uma sugestão: *“Coloca a nossa foto pra nossa mãe vê”*, o que foi aceito, já que possuímos autorização de imagem das crianças para fins pedagógicos e científicos. Com o sucesso do vídeo, os pequenos sugeriram o *“Telejornal do 6C”*³, em que os meninos e meninas, de forma lúdica, participaram de toda produção, ideias e gravação. Por meio de jogos simbólicos, representaram um telejornal com aula de culinária, num enredo criado por eles.

Apostar na curiosidade, no conhecimento das crianças e na troca de experiências, seguindo os preceitos de Freire (1996), foi o pontapé inicial para que, em 2013, fosse criada a Rádio Cartola. A intenção era conhecer como as crianças enxergavam o Projeto Música, que ainda continuava na escola. No horário das refeições eram tocadas as músicas dos projetos, que pouco agradavam os pequenos, que se dispersavam rapidamente. A finalidade era fazer gravações de quinze minutos (tempo da refeição), com trilhas escolhidas por

2 <https://www.youtube.com/watch?v=qV46tiCqv5k>

3 <https://youtu.be/3SqHBbce9OI>

as crianças e outras ações diferentes dos projetos de rádios infantis conhecidos naquela época.

A Rádio Cartola, como cita Santos (2014) teve três fases distintas: narrativas de apresentação (trilhas sonoras); narrativas de projetos (diversidade de gêneros) e narrativas com características radiofônicas (radiojornalismo).

Na primeira fase da Rádio Cartola⁴, baseada nas narrativas de apresentação das trilhas sonoras, unimos o lúdico e a linguagem teatral, com o auxílio da professora e atriz Ruth Saiso. As crianças participavam de dramatizações, brincavam durante as gravações e votavam nas músicas preferidas. Logo após, anunciavam suas escolhas e as técnicas teatrais auxiliaram na desenvoltura, expressividade, trabalho em equipe e na oratória. Nasceram as primeiras vinhetas e o slogan da Rádio Cartola, sugerida por três crianças: *“Rádio Cartola: show de bola!”*.

Em 2014 o projeto Rádio Cartola passou a integrar o plano especial de ação da escola (PEA) a fim de dar incentivo a utilização das mídias para criação de narrativas. Com a Rádio Cartola reconhecida como proposta na unidade, algumas modificações aconteceram. As trilhas passaram a ser temáticas, dificultando a participação das crianças como atores no processo. Os programas tinham duração maior, para abarcar as novas recomendações da coordenação pedagógica. O protagonismo dos pequenos deu lugar a trilhas trazidas pelos educadores e não era possível, durante a refeição, ouvir um programa completo, o que voltava a dispersar o grupo e causar desconforto nos colaboradores que acompanhavam as refeições. Em conversas, crianças reclamavam das trilhas e falavam que queriam outras músicas, que todo dia ouviam a mesma coisa.

Tudo isso culminou na segunda fase da Rádio Cartola, tendo como objetivo explorar a linguagem verbal, por meio do cancionário e da cultura popular, incluir entrevistas e compartilhar experiências dos projetos da escola. As narrativas ficaram mais espontâneas e o novo formato foi bem aceito pelos pequenos. Do outro lado, algumas educadoras vinham na contramão, afastavam-se do projeto, dizendo que seria preciso dominar técnicas de edição e que tinham dificuldade de conciliar a elaboração de roteiros com as demandas diárias.

4 <https://www.youtube.com/watch?v=UnkEMESGf8>

Nesta mesma época, atividades envolvendo o uso da fotografia como registro e as narrativas criadas para a Rádio Cartola criaram visibilidade. Desde 2009 a EMEI Cartola possui vários canais de comunicação⁵ e, assim, veio o primeiro convite do atual Núcleo de Educomunicação, setor integrado à Coordenadoria Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, para a cobertura da 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, para realizar registros fotográficos. A intenção do grupo era ainda maior, buscar por entrevistas, conhecer autores e participar de atividades. Os objetivos foram alcançados e assim nascia a primeira agência de notícias pré-escolar da nossa região: a Imprensa Mirim⁶.

Em 2015, com mudanças na gestão da unidade e a indicação que as atividades fossem realizadas em contraturno de aula, surgiu outro percalço na trajetória. As professoras responsáveis trabalhavam em períodos diferentes, inviabilizando a criação de turmas no contraturno. A escolha foi cada uma trabalhar as mídias na sua sala de aula, envolvendo toda a classe e observando como a Educomunicação poderia interferir na aprendizagem dos pequenos.

Seguimos com a mídia rádio, na terceira fase da Rádio Cartola, que teve a primeira cobertura de evento externo, a comemoração dos 10 anos da Imprensa Jovem⁷.

Crianças que já haviam participado do projeto ajudaram na mobilização de trabalhar a linguagem radiofônica e fotográfica. A turma tinha dificuldades de interação, faltava liderança positiva e apaziguadora entre as crianças. Trazer a Rádio Cartola como estratégia para melhorar as relações de comunicação foi o desafio.

A Rádio ganhou um formato de “rádio revista”, adicionando técnicas de radiojornalismo e a turma foi dividida em grupos. Os roteiristas traziam a proposta dos programas, os locutores faziam as apresentações, a equipe do registro cuidava da fotografia das atividades e, por fim, o grupo de escolha das trilhas

5 YouTube: https://www.youtube.com/channel/UCgR4vf_ECnYfjHKDOuiEoWA

Facebook: <https://facebook.com/emeicartola>

Blog: <http://emeicartola.blogspot.com/>

6 <https://youtu.be/TTRlqJEuxU0>

7 <https://youtu.be/--21lynFxbk>

ajudava a opinar na edição realizada por a professora. Três programas foram criados, contendo abertura, chamadas de músicas, entrevistas e com um caráter informativo e de entretenimento. A dificuldade foi o trabalho com o último grupo, pois os roteiristas já pensavam de antemão nas músicas que iriam compor o programa.

Posteriormente, após sistematizar as práticas e, com o apoio de novos gestores, deram início as atividades de um projeto piloto, o “Imprensa Jovem EMEI Cartola: agência de notícias mirim”. Com dez crianças, de três turmas, divididos em dois agrupamentos, o sonho da agência de notícias toma forma e nascem trabalhos voltados tanto ao registro da memória pedagógica, quanto criação de narrativas que aproximem as famílias da escola, trabalhando eixos como jornal impresso, rádio escolar, cobertura de eventos, fotografia e vídeos de apresentação da escola.

Em sala de aula, como cinco crianças participavam do projeto, vieram questionamentos de outras crianças e algumas famílias. Dessa forma, foi pensado em um projeto que novamente reunisse toda a turma. O grupo 6C de 2016, então, foi repartido em sete equipes com cinco crianças cada.

Os grupos, foram divididos por cores e cada um escolheu como contar suas narrativas. Dentro do grupo eram divididas as funções e vários conteúdos foram criados. A equipe verde fez um programa de rádio sobre a dengue e a equipe laranja fez um telejornal sobre literatura. O grupo da equipe vermelha usou a técnica de *stopmotion* e criou uma animação sobre as olimpíadas, a azul e a rosa se uniram para fazer um vídeo comentando alimentação e a lilás apresentou massa de modelar caseira. A equipe amarela fez apenas um roteiro, que seria utilizado também a técnica *stopmotion*. Essa foi uma das equipes mais difíceis. Houve bastante intervenção, na busca de unir a equipe. Mesmo sem gravar, fizeram um dos roteiros mais elaborados de toda a turma. As aprendizagens que vinham da sala de aula eram as principais lições levadas para se trabalhar com os pequenos do projeto Imprensa Mirim.

Em dezembro de 2016, a Educação Infantil foi então reconhecida pelo Programa Imprensa Jovem, com a Portaria número 7.991, de 13 de dezembro de 2016, que define normas complementares e procedimentos para a implementação

do Programa, ligado ao Núcleo de Educomunicação. Assim, a partir de 2017 a Imprensa Mirim é oficialmente vista como uma agência de notícias, grande vitória para nossos meninos e meninas da pré-escola.

Em 2017, nossa meta era aproximar as famílias da escola, compartilhando nas redes sociais as narrativas, convidando a comunidade e fazendo a cobertura dos eventos. Neste primeiro ano cerca de trinta crianças, divididas em três grupos, participaram do projeto. A grande dificuldade neste ano era relacionada a formação. Duas professoras que vieram fazer parte do projeto queixaram-se da falta de formação por parte da rede municipal naquele ano. Por mais que fosse voltado para o Ensino Fundamental, as oficinas e cursos do Núcleo de Educomunicação eram pensados para o educador, que poderia compartilhar com seus alunos ou complementar seu próprio aprendizado. Com isso, uma das professoras desistiu do projeto, dizendo ser este o principal motivo, além da escassez de equipamentos necessários para registrar os trabalhos e realizar as coberturas dos eventos.

Foram realizadas coberturas de eventos internos, um externo e reorganizamos as páginas da Imprensa Mirim⁸ e da EMEI Cartola no *Facebook*. As crianças nos ajudaram a fazer chamadas para os eventos da escola, criaram narrativas utilizando algumas técnicas e radiodramaturgia. O projeto foi bem avaliado por as famílias participantes, que sugeriram alguns ajustes e a volta do jornal mural, de 2016.

Em 2018, com quatro turmas, mais de quarenta crianças passaram pela Imprensa Mirim, no contraturno de aula. Conseguimos atingir mais de 10% dos pequenos matriculados na instituição, com representantes de nove das dez turmas.

Com um estudo mais aprofundado em Educomunicação, por meio de pesquisas e algumas formações, nossos esforços atuais são em buscar não somente o protagonismo infantil, mas o sentimento de pertencimento do espaço público e uma maior valorização dos fazeres infantis por parte das famílias, que por conta de trabalho ou outras questões, participam pouco do cotidiano da escola.

8 <http://www.facebook.com/imprensamirim>

Neste ano, foram criados os primeiros roteiros de atividades educacionais. Assim, a partir da exploração de uma mídia, os pequenos trabalham a linguagem verbal, a criatividade, o trabalho em grupo e discutimos sobre como melhorar e valorizar o espaço público, lutando por melhorias.

Os pequenos visitaram todos os espaços da escola, conversaram com educadores e colaboradores, conheceram a história da fotografia, registram os projetos e as práticas, criaram narrativas com técnicas como *stopmotion*, fantoches, vídeos de curtíssima duração, reportagens de temas que envolvem a rotina da escola, jornal impresso e radiodramaturgia.

Em sala de aula, foi preciso compartilhar estes fazeres e enxergar atividades que valorizam a autoria e o protagonismo dos pequenos, articulando eixos de aprendizagem como artes visuais, natureza e sociedade, linguagens e identidade. Nos anos de 2017 e 2018, o grupo 5C (35 crianças), divididos em cinco equipes, recontaram histórias de contos de fadas clássicos baseados em uma região do país que haviam estudado anteriormente.

No ano seguinte, como Grupo 6C, os pequenos compartilharam seus recontos por meio de dramatização e fizeram campanha para a escolha da melhor história criada pelas equipes. Após dias de campanha, inspirados nas eleições gerais, os pequenos com seus “títulos eleitorais” escolheram por votação num software que simula uma urna eletrônica, a história *“Branca de Neve: uma aventura na região Sudeste”*. Assim como nos outros contos, cada criança assumiu um papel na história e construiu sua trajetória com ajuda dos colegas.

A história foi recontada por meio de “radionovela” por uma das equipes da Imprensa Mirim e bastante apreciada por todos da turma, mostrando a integração entre projetos da sala de aula e do contraturno nesta classe.

Outro trabalho que chamou a atenção foi o *“Telejornal da Imprensa Mirim: Reforma da escola”*⁹. Uma atividade em conjunto de crianças participantes do projeto do contraturno com outras da turma que percorreram a escola em busca do que necessitava de reforma. Tiveram a oportunidade de exibir o vídeo na reunião de Conselho de Escola de agosto de 2018, com a presença da Diretora

9 <https://youtu.be/9IGhQww7iWM>

Regional de Educação de Campo Limpo. A participação das crianças do Grupo 6C -2018 na reunião foi um marco para nossa unidade, na tentativa de valorizar o espaço público.

Com isso, trazemos aqui um pouco dos esforços que rodearam tanto a trajetória como professora de infância, quanto da escola em dar luz às vozes dos pequenos, dentro de uma perspectiva educadora. Ainda estamos aprendendo com os pequenos e muitas aprendizagens ainda teremos pela frente, em coautoria, coletivamente.

As interações

As interações possibilitam que as crianças sejam protagonistas na construção das aprendizagens. As experiências que rodearam este relato remeteram a constantes reflexões acerca da exploração da linguagem oral por meio da prática educadora.

Ao longo deste trajeto, o ponto principal de observação era como aconteciam as interações criança-criança, criança-adulto, buscando entender suas particularidades dentro das propostas trabalhadas e melhorar as interações nos diferentes espaços da escola.

A tecnologia faz parte da vida e das brincadeiras das crianças. Nos jogos simbólicos, utilizam sucata imitando recursos tecnológicos, compartilham *notebooks* e *tablets* de brinquedo com colegas no dia do brinquedo. Assim, trazer as TIC de modo significativo para a sala de aula foi, a princípio, forma de criar um ambiente de diálogo, interação e participação.

Nos primeiros trabalhos, o foco ainda era a mídia, utilizá-la de forma significativa, na criação dos conteúdos. A partir do momento que surgem os primeiros questionamentos por parte das crianças, criou-se um movimento de diálogo, que se estendeu até a segunda fase da Rádio Cartola. Nos atentamos aos detalhes e interações dos pequenos, que se organizavam em falas, posturas e mostrando para nós como enxergavam produtos midiáticos.

O senso de curiosidade e investigação, preconizado por Freire (1996), contribuiu na construção de uma jornada baseada na participação coletiva, tanto nas atividades em pequenos grupos, quanto nas fases da Rádio Cartola e da Imprensa

Mirim. Enquanto tinham abertura para participação, as crianças se mostraram ativas e interagem trazendo sugestões de músicas, anedotas, parlendas.

A partir do momento que conteúdos deixaram de ser escolhas suas, ouvir sua própria voz nos programas rádio, ver sua imagem em vídeos passou a ser a maior motivação dos pequenos, apenas para mostrar aos colegas que estava lá, mas não tinha auxiliado na produção.

Ao voltar aos primórdios dos projetos e criarmos ambientes que as crianças participem das interações orais, favorecemos o desenvolvimento da linguagem e das habilidades comunicativas, observando um maior diálogo entre eles, principalmente na resolução de conflitos. Apareceram líderes apaziguadores, que buscavam interferir nos desentendimentos de forma positiva. Assim, a argumentação, o relato e a descrição começaram a denotar os ganhos na organização das ideias e nas competências linguísticas.

Cabe lembrar, que entraves como falta de formação, de materiais, equipamentos e de empatia da gestão em relação aos projetos, desmotivaram alguns professores e são itens que prejudicaram a consagração de algumas experiências. Contudo, o “Bichodário Virtual” foi propulsor para a idealização de ações voltadas a educomunicação, principalmente por estar articulada ao conteúdo, buscar a participação das famílias, exercer a democracia e encadear turmas de diferentes horários no mesmo objetivo.

Começamos a entender que atividades envolvendo a Educomunicação não precisam, necessariamente, do uso dos recursos tecnológicos, tampouco ter apenas conhecimento técnico. Compreendemos que os processos comunicativos acontecem a todo tempo e que as vozes infantis também devem ser legitimadas. De acordo com Vygotsky (1998), é no momento da interação com o outro que a criança desenvolve a oralidade. Partindo do princípio que a ação comunicativa tem um objetivo, enxergamos o quanto foi necessário acompanhar o desenvolvimento da oralidade infantil nas diferentes situações vivenciadas.

Assim, certificamos a importância das vozes infantis. A cada questionamento, contribuição, apaziguamento de conflitos, os pequenos foram nos mostrando o quanto é desejável e imprescindível para a formação do diálogo, em que crian-

ças e adultos, numa relação de horizontalidade podem construir novos conhecimentos e experiências.

O Protagonismo

Propiciar o trabalho colaborativo por meio do protagonismo das crianças nas diferentes etapas da produção nos projetos faz com que se sintam parte do processo e demonstrem sua visão sobre as experiências, ficando envolvidas na aprendizagem.

Como citado nas interações, a voz infantil foram cruciais na determinação dos rumos dos projetos e dos processos comunicativos. Nessa relação dialógica, o planejamento das ações foi deixando de ser construído para as crianças, mas com elas. Tudo isso numa evolução que abrange a coautoria e participação, transformando a ação educativa.

Um vídeo de curtíssima duração, do grupo X3 da Imprensa Mirim 2018, foi totalmente roteirizado por seis crianças, que fizeram a sua “Viagem ao Arco-íris”¹⁰ inspirados no filme “*Viagem à lua*” de Georges Méliès. Dias depois num evento, parte da equipe viu a pintura de uma cena do filme: “*Prô, vem ver, a lua do Méliès foi pintada ali, empresta o celular pra tirar uma foto?!*”

O “nascimento” da Imprensa Mirim começou a nos levar a percorrer os caminhos de uma prática educacional, voltada ao diálogo, ao protagonismo e buscando o sentimento de pertencimento do espaço público. Participar da reunião do Conselho de Escola foi um momento importante para nossos pequenos. Estavam ansiosos em mostrar o vídeo e ao se apresentarem para os presentes, duas crianças erraram até o nome, iniciando a fala com “*Quero saber quando vão arrumar nossa escola*” e “*Eu tirei as fotos das coisas quebradas.*”

Neste trabalho, nos emocionou a fala espontânea ao final de uma das crianças no vídeo, reivindicando a reforma “*(...) tem que consertar tudo a escola, porque a gente tem que estudar nessa escola muito ótima.*” e na sequência a colega completa: “*Tem que ficar bonita, arrumar as coisas.*” Dois meses depois, du-

10 <https://www.youtube.com/watch?v=oA6Y3lcVV7E&t=3s>

rante a refeição, uma criança do grupo ficou alguns minutos distraída, olhando para cima, após veio correndo e disse: *“Prô, arrumaram o teto!”*.

A partir das práticas educomunicativas, cada vez mais, nossos pequenos vão assumindo a responsabilidade em construir conjuntamente e criar uma relação de pertencimento ao grupo e ao espaço da escola.

Resultados

Os resultados provenientes do trabalho com a Educomunicação na infância vão além do desenvolvimento das capacidades de expressão, comunicação, trabalho cooperativo, colaborativo e o protagonismo.

Os pequenos, a cada dia, vão ampliando suas habilidades orais e por meio do debate, exposição, narração e escuta atenta, participam democraticamente no processo de aprendizagem, que vai de encontro ao que cita Vygotsky (1998) e Freire (1996).

Utilizam os recursos midiáticos como telefones celulares, máquinas fotográficas e gravadores de voz de forma mais autônoma, realizando registros segundo seus olhares.

Além disso, observamos o desenvolvimento da organização de ideias e competências linguísticas, argumentando, descrevendo, explicando e relatando em prol ao que acredita e na valorização do seu cotidiano.

Um outro ponto forte, visualizado ao longo da trajetória é o sentimento de pertencimento de grupo e, principalmente, do espaço público. Nossos esforços futuros é conceber suas vozes e autoria na relação com em seus diferentes territórios.

Enquanto educadora de infância, o trabalho com a Educomunicação mostra-se cada vez mais viável, dentro de sala de aula, da escola e fora de seus muros.

Hoje, observamos que as famílias começam a interagir um pouco mais com a escola e canais externos auxiliam nesta propagação dos fazeres infantis.

Nas avaliações dos projetos, vários familiares apontam uma melhora das crianças na oralidade, uma vontade de interagir em mídias sociais e ter seus próprios canais de compartilhamento de vídeos.

Nas autoavaliações, os pequenos denotam os saberes, as curiosidades e as melhorias necessárias: *“Acho que devia ter um palco pra gente se apresentar e um tablet pra gente usar”, “Precisa melhorar o lanche da Imprensa, muito ruim comer só a bolacha seca”*.

Neste caminho também aprendemos que nem todas as crianças despertam o gosto pela Educomunicação, o que por nós tem sido respeitado e conversado com as famílias.

Considerações

Este relato partiu de experiências pessoais, sistematizações a partir de estudos empíricos e toda a prática trouxe diversos avanços no que se refere ao trabalho com a Educomunicação com crianças de quatro e cinco anos de idade. Essas práticas, indiscutivelmente, podem trazer inúmeros benefícios aos pequenos da pré-escola e construir novos caminhos de aprendizagens, dando ânimo para toda e qualquer forma de expressão.

Articular o discurso à prática educ comunicativa na infância é um dos maiores desafios. Dessa forma, sistematizar atividades torna-se fundamental, para que outros educadores de infância possam ter a oportunidade de conhecer e trazer estas práticas para seu cotidiano em sala de aula ou em projetos no contraturno.

Por fim, o trabalho com a educomunicação na infância, com suas adversidades, lutas e conquistas, tem trazido à luz as vozes infantis e que este relato possa servir de inspiração para que mais educadores de infância possam construir contextos educativos baseados no diálogo e no protagonismo, de modo significativo e relevante.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, S. S. *Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação Infantil: alinhando o discurso à prática docente*. 2012. 67 f. Monografia (Especialização em Informática na Educação) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2012.

_____. *Narrativas digitais na Educação Infantil: experiências com rádio escolar*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA. 1. 2014. São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2014. Disponível em: < http://docs.uninove.br/arte/I_CIPPEB/pdf/NARRATIVAS_DIGITAIS.pdf> Acesso em 26 ago. 2018.

SÃO PAULO (cidade). *Orientações curriculares: proposições de expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para a educação infantil*. São Paulo: SME/DOT, 2007.

_____. *As Mídias no universo infantil: um diálogo possível*. São Paulo, 2008.

SILVA, M. J.; VALIENGO, A. O desenvolvimento da oralidade na educação infantil. In: *Revista Interfaces*. Ano 2. N. 2 out. 2010. Disponível em: < <http://www.revista-revistainterfaces.com.br/downloads/educacao-2/artigo-9.pdf>> Acesso 10 abr. 2015

SOARES, I. O. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2001

Sobre a autora

Silvia Silva dos Santos - É professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e educadora na Escola Municipal de Educação Infantil Angenor de Oliveira – Cartola, na cidade de São Paulo. Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto e Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Santo Amaro.

E-mail: profa.silviasantos@hotmail.com